



## Capítulo 1

Acendi a tela do celular mais uma vez para conferir as horas. Eu tinha acabado de fazer isso, mas, vendo uma notificação do Instafoto, me perdi do propósito inicial. O ônibus manobrava para estacionar e meu coração acelerava mais a cada segundo.

Eu estava na poltrona 28A. Havia uma infinidade de fileiras até que conseguisse sair dali, fora as pessoas que certamente fariam hora para pegar seus objetos pessoais, e, depois disso, a espera até conseguir minha bagagem depois de descer. E o táxi? Será que ia ser muito difícil conseguir um na rodoviária?

Mordi o lábio, me lembrando das mil histórias que minha vizinha havia contado sobre Belo Horizonte. “É perigoso, cheio de ladrões, eu vi no jornal! Cuidado pra não morrer, menina!” Assim mesmo, sem qualquer tato, mas até os conselhos de quem realmente conhecia a capital não eram tão animadores: “A rodoviária fica bem no centro, é movimentada demais. Fica de olho na sua mala!”. Eu devia ter ido para uma federal no interior, como havia cogitado cinquenta vezes.

No que diz respeito à minha mãe, qualquer universidade a fazia chorar, já que nem nos sonhos mais impossíveis ela pensava que veria uma de suas filhas saindo do interior para estudar, como faziam as meninas das patroas. Eu seria a primeira a cursar o ensino superior na família e tinha gerado uma comoção enorme ao anunciar a aprovação na UFMG e na UnB. Primeiro vieram a festa, a alegria, mas logo depois os questionamentos: *como vamos sustentar a Raquel?*

Em Brasília, eu poderia morar com a minha prima Daniela, mas, quando fizemos as contas, o custo de vida lá seria muito mais alto do que em Belo Horizonte, fora que me impossibilitaria de visitar a família no interior de Minas com a frequência que mamãe exigia. Ficamos com a UFMG no fim das contas.

Depois da decisão, a correria; havia vendido doce, salgado, roupas, móveis e tudo o que podia. Regina, minha irmã mais velha, se comprometera a me mandar parte de seu já minguado salário de secretária; Renata, a do meio, oferecera suas economias e a promessa de que ajudaria mais assim que fosse empregada por seu Tonho, do supermercado. E mamãe raspava a pequenina poupança onde guardava fundos para arrumar a infiltração e reformar a casa. As três não pensaram duas vezes ao me oferecerem tudo o que (não) tinham para me ver numa sala de aula universitária, e eu não poderia ser mais grata.

— Quelzinha vai virar doutora, dona Raimunda? — brincou Josias, da padaria, enquanto anotava na caderneta o pão e o leite que comprávamos.

Mamãe levou o dedo indicador à boca com uma expressão pensativa.

— Esse seu curso aí, a gente fala que é doutor, Quelzinha? — resolveu conferir.

— Não, mãe, é comunicação social. Vou estudar pra ser jornalista.

— Ah, vai pra televisão, é? — Os olhos de Josias brilharam. — Só não vai esquecer a gente quando ficar bem famosa.



— Ela vai ser que nem a Camila Coelho, que nasceu aqui em Virginópolis e hoje tá aí, rica e rodando o mundo todo.

— Ai, que bobagem — rebati, rindo com as mentes inventivas dos dois, mas no fundo gostando dos sonhos que tinham para mim.

O problema de ser uma garota negra e pobre de uma cidade de onze mil habitantes era que mudar para a capital parecia um passo grande demais em relação ao que me fora sentenciado ao nascer. Regina, por exemplo, teve que se virar para ajudar minha mãe com as contas depois de meu pai se escafeder com outra família, e Renata ia seguindo os mesmos passos. Eu só tinha conquistado uma chance por causa dessas três mulheres que vieram antes de mim para lutar por ela.

Não podia decepcioná-las.

\*

Era exatamente 12h33 quando o táxi parou em frente a uma casa azul-clara. Conferi o número, a rua e o horário mais uma vez. Eu tinha combinado de chegar entre meio-dia e uma hora, mas e se a proprietária não estivesse em casa? E se estivesse dormindo? Eu, pelo menos, gostava de tirar uma soneca depois do almoço quando podia.

Bom, se Aurora não estivesse disponível para me receber, não me restaria nada além de me sentar à porta e aguardar. Mas e os ladrões? Com aquela bagagem enorme, eu me tornava um alvo para a violência belorizontina. Será que a amiga de BH que eu havia conhecido na internet morava longe demais para me socorrer? Antes mesmo de tocar o interfone, coloquei uma das mochilas no chão para procurar o celular e checar se ela morava muito longe do bairro Santa Teresa. Só para garantir.

— Posso ajudar?

Um rosto surgiu na janela do outro lado da grade.

— Ah, você é a Aurora? — perguntei, me levantando rapidamente.

— Sim — ela respondeu com uma expressão irritada e eu quis saber o que tinha dito de errado.

— Eu sou a Raquel, nós conversamos por mensagem?

— Ah, você... — Aurora manteve a expressão aborrecida. Ótimo, então o problema dela era mesmo comigo. — O interfone tá estragado?

— Não. Quero dizer, não sei, eu já ia chamar — disse, me embolando na explicação. — Posso testar, se quiser.

Ela não respondeu e o portão foi aberto com um barulho da tranca automática. Em seguida, a porta que ficava na parede lateral, de frente para o carro preto estacionado na garagem, revelou Aurora. Ela tinha um rosto bonito, lábios grossos, cabelos cacheados volumosos até os ombros, vários centímetros acima do encosto de sua cadeira de rodas azul, e com direito a uma franjinha cacheada muito estilosa. Estava maquiada e seu delineador azul era ousado e bem aplicado. Também era magra, negra e tinha um tom de pele claro como o meu, ou talvez o meu fosse só um pouco mais escuro que o dela.

— Boa tarde! — cumprimentei com um sorriso.



Tentei quebrar sua irritação com minha simpatia, mas só consegui arrancar um esticar forçado de lábios, que nem mobilizou os olhos da garota.

— Bom, seu quarto é ali. Não vou conseguir te apresentar as coisas agora porque tô no meio da gravação de um TikPop.

Hmmm, ela fazia vídeos para a internet. Isso explicava a maquiagem elaborada ao meio-dia.

Entrei com as malas e meu queixo caiu ao ver a casa. Era muito linda. Ampla, bem iluminada e perfeitamente decorada. Havia um sofá no centro da sala e uma TV grande pendurada na parede. No fundo, uma mesa de madeira de seis lugares, mas com apenas três cadeiras. À esquerda dela, uma divisória com blocos de vidros foscos, que separava a cozinha do ambiente. Do lado direito eu consegui ver um corredor com três portas, que imaginei serem os quartos e o banheiro.

Não era uma casa enorme, mas tinha bastante espaço entre os móveis, o que dava a impressão de ser maior do que realmente era. Havia cores fortes, plantas, almofadas, nichos nas paredes, quadros estilosos, móveis brancos e soluções criativas. Tudo ficava um pouco mais baixo que o tradicional para estar ao alcance de Aurora.

— Uau, sua casa é toda adaptada, que incrível! — falei ao ver a pia um pouco mais baixa e sem nenhum armário para que ela pudesse encaixar as pernas ao lavar a louça, e assim também eram a bancada e o fogão *cooktop*.

— Não, ela já foi construída assim. Adaptações quem vai ter que fazer é você pra se encaixar aqui.

Ou eu tinha falado algo muito ofensivo ou ela já tinha decidido que não me suportava. O fato era que eu precisava deixá-la em paz para o bem da nossa convivência, já que nenhum lugar que tinha olhado para morar cobrava o preço que Aurora pedia. Eu estava prestes a desistir do curso na UFMG quando uma das patroas da minha mãe dissera que a colega de casa da sobrinha estava se mudando de BH e ela tinha uma vaga. Foi um achado.

— É o quê? Ah, não, Patrícia, por esse preço não dá. Ele tá querendo um vídeo no TikPop, um reels no Instafoto e um story? A gente vai ter que negociar. — Aurora tinha a testa vincada enquanto gravava o áudio pelo celular e se afastava em direção a um dos quartos. Pareceu se lembrar de mim logo antes de entrar e virou o rosto na minha direção. — Preciso trabalhar, te mostro as coisas mais tarde.

E fechou a porta atrás de si.

\*

Me joguei na cama de casal que ficava no centro do segundo quarto depois de levar minhas malas para ele. Vários sentimentos passavam por mim; eu estava sozinha em uma cidade desconhecida e bem maior do que a minha e, em breve, começaria um curso novo, do qual estava morrendo de medo. Era estranho não poder contar com o suporte da minha mãe ou das minhas irmãs, não conhecer as pessoas que moravam por perto (nesse caso, não conhecer nem mesmo a que morava *comigo*).



O sentimento de ser uma estranha no ninho e não ornar com nada ao meu redor me deixava assustada. E se eu não me adaptasse? Se não conseguisse lidar com o fato de estar em um ambiente tão distante das minhas raízes? E se o restante da cidade fosse tão hostil comigo quanto a primeira pessoa com quem tive contato?

Eu não sabia se havia dito algo errado para Aurora ou se era um lance pessoal, mas tomei a decisão de restringir nosso contato até que ela me desse alguma abertura. Era um pouco frustrante, porque eu tinha imaginado construir uma relação amistosa com a minha colega de casa e, ao que tudo indicava, aquela fanfic tinha ficado para a próxima. Mas se havia algo que eu podia fazer para não piorar as coisas era manter tudo em ordem. Quando disse que a casa parecia ter saído de um site de decoração, não foi exagero. Estava tudo limpo e arrumado, o que deixava uma pista importante sobre Aurora.

Ao desfazer as malas, decidi praticar a arte da organização, uma habilidade pouco desenvolvida em mim. Apanhei um pouco até entender como funcionava o armário e me senti estúpida ao me dar conta de que era apenas uma questão de puxar a haste e fazer o cabideiro descer para conseguir pendurar as roupas. Arrumei alguns objetos pessoais na escrivaninha e percebi que precisava de uma cadeira para colocar ali. Ao tirar meu notebook velho da mochila, pensei mais uma vez no quanto ganhar outro concurso me faria bem.

O aparelho tinha sido o prêmio de um concurso de escrita organizado pela prefeitura da minha cidade. O tema era livre e havia um tempo razoável para escrever, então, ao descobrir que a premiação era um computador, decidi que seria meu. Ainda me lembrava de ter saído por Virginópolis coletando causos, lendas e fofocas para acabarem em uma pequena coletânea de crônicas. Ela fez sucesso entre os jurados e assim consegui o primeiro lugar.

Foi quando escutei que deveria fazer jornalismo da minha professora de português, que se tornou a minha maior entusiasta. Criei um jornalzinho na escola e mantive o hábito de escrever. Não durou muito porque a diretora não conseguiu manter o repasse da verba de impressão, então fiz uma versão online, que acabou ultrapassando os limites da escola.

Ampliei o projeto para um canal no YouTube, em que fazia edições divertidas – sem mostrar a minha cara, óbvio. As pessoas achavam legal o meu jeito de contar o que tinha acontecido na cidade e, vez ou outra, eu recebia informações privilegiadas. Me sentia a própria *Gossip Girl* interiorana, mas sem a parte maldosa e invasiva.

No terceiro ano, decidi encerrar a publicação, já que meu objetivo passara a ser conquistar uma nota primorosa no ENEM. Eu sabia que mamãe se esforçava muito para que terminássemos ao menos o “segundo grau”, como ela dizia, sem precisar trabalhar, mas depois disso seria difícil ficar mais um ano sem ajudar em casa, então precisava agarrar minha chance de passar em uma universidade logo de cara, mesmo que não tivesse muita chance de cursar.

Por outro lado, olhar as notas de corte de jornalismo nas federais fazia meu estímulo crescer. Eram altas demais, bem acima do que tinha conseguido nos anos de treineiro, mas não tinha volta. Eu estava decidida de que, se precisasse ir para o tal “subemprego”,



pelo menos iria com a consciência limpa de que não tinha sido por minha culpa, pois tinha sido aprovada. Que droga de mundo.

No fim das contas, ali estava eu, não só deixando de ajudar em casa como me tornando uma despesa a mais para a família. Quantas coisas as três deixariam de fazer para si mesmas só para manter a dondoca em uma casa bonita como aquela?

Balancei a cabeça antes que a culpa me corresse. Eu iria procurar um estágio assim que me estabelecesse, ou tentaria encontrar um emprego que fosse possível conciliar com os estudos. Era isso. Talvez até acabasse mandando algum dinheiro para casa.

Relaxe com aquele pensamento reconfortante. Era uma situação transitória e eu a superaria. Bem como a questão com Aurora; ela provavelmente só estava passando por um dia difícil de trabalho e nós poderíamos estabelecer uma relação razoável em algum momento.

Pelo menos era o que eu esperava.

\*

Não tinha planejado dormir àquela hora, só percebi o feito quando acordei com gritos e risadas.

— Ah, Blue, para, não acredito! — dizia uma voz masculina que parecia vir da sala.

— Aconteceu mesmo, eu tava lá! — rebatia outra, dessa vez feminina.

Ouvi mais risadas escandalosas e fiquei alguns segundos tentando entender onde estava. Quando consegui orientar meu cérebro, me dei conta da atividade que tinha planejado desempenhar e de como havia falhado. O quarto estava uma bagunça.

Decidi resolver aquilo depois e me ergui da cama com o propósito de pedir sugestão de algum lugar para comer. Eu nem tinha almoçado e os biscoitos de queijo da minha mãe, que comi no ônibus, já não me sustentavam mais. Também precisava ir ao supermercado e fazer minhas próprias compras; Aurora tinha sido bem clara quanto a essa regra.

— Hmm... Oi — falei ao chegar à sala.

Havia três pessoas ali: Aurora, que estava sentada à ponta da mesa, de costas para mim; um cara branco, de cabelos pretos e sorriso simpático, também sentado em uma cadeira de rodas e de costas para a cozinha; e, à sua frente, uma menina negra escura de tranças pretas, sentada na cadeira de madeira e com um olhar meigo.

— Ah, a nova moradora! — O rapaz foi o primeiro a me ver e todos viraram o rosto na minha direção.

Aurora deu um sorriso preguiçoso, sem me olhar direito, e voltou a olhar para frente.

— Prazer. Raquel — falei, sem graça.

— Diogo.

— Giovana. Ah, e adorei os twists! — A menina apontou para o meu cabelo.

— Ah, que nada, a raiz já tá enorme, preciso refazer — comentei, passando a mão sobre ele em desaprovação.



— Caramba! Você mesma faz? — Ela se levantou, chocada, e se aproximou. — Posso?

Estava tão habituada a pessoas tocando em meu cabelo sem permissão que até me assustei com a pergunta, mas ela também era negra, o que explicava muita coisa.

— Claro.

Giovana avaliou os twists, que iam até minha cintura, com um brilho no olhar. Estava genuinamente encantada, o que achei legal da parte dela.

— Massa!

— Posso fazer em você depois. — Dei de ombros.

— Eu ia amar! — Ela sorriu e voltou ao seu lugar à mesa.

— Que ótimo. Mas anda, Giovana, termina de contar a história — Aurora nos cortou, impaciente.

— Desculpa, não queria atrapalhar, já tô de saída. Queria só saber onde tem algum restaurante e um supermercado por perto.

— Você ainda não almoçou? — Diogo arregalou os olhos.

— É que eu cheguei não tem nem duas horas, tava arrumando as coisas.

— E a Blue não te deu um nada pra comer? — Giovana olhou para a amiga com desaprovação.

— Quem? — perguntei sem entender.

— Blue é meu apelido — Aurora explicou, finalmente girando sua cadeira e me incluindo no círculo. — Vem de *Blue Love*, meu nome na internet.

— *Blue Love*? — perguntei, achando graça.

Diogo e Giovana caíram na risada, e Aurora fez uma expressão irritada.

— Desculpa — falei colocando a mão no rosto, envergonhada.

Se ela já não gostava muito de mim, eu havia acabado de criar mais um motivo para solidificar a antipatia.

— Eu tinha quatorze anos! Depois o blog acabou estourando e não tinha como mudar porque era mais fácil pros meus seguidores me acharem nas novas redes. — Aurora cruzou os braços.

— Entendi. Faz sentido — concordei no meu melhor tom sério, mas era difícil manter a pose enquanto os outros dois riam.

— Raquel, sobrou a pizza que a gente pediu, pode comer se quiser — Diogo ofereceu, apontando para três fatias no centro da mesa, e meu estômago se remexeu.

Eu realmente precisava comer.

Ao mesmo tempo, Aurora tinha enfatizado a questão da comida: cada uma compra a sua. E, embora fosse muito mais cômodo matar minha fome em vez de ficar procurando um restaurante aberto àquela hora, eu já tinha perdido créditos o suficiente com minha colega de casa. Não podia arriscar mais.

Giovana pareceu sentir minha hesitação.

— Ah, qual é?! Senta aí, aproveita e conta mais sobre você. De onde você veio? — ela perguntou enquanto afastava uma cadeira para eu me acomodar ao seu lado.

Olhei Aurora, que tinha a expressão indefinida, e resolvi aceitar.



— Virginópolis — respondi, mas ela fez uma expressão confusa. — Perto de Guanhões?

— Nunca ouvi falar. — Giovana balançou a cabeça e Diogo a acompanhou.

— Caramba, mas vocês da capital não conhecem nada mesmo, vivem com a cabeça enfiada no... bolso. — Troquei a palavra de última hora, arrependida de ter começado a frase. Eu nem tinha intimidade com eles!

Os dois riram e até Aurora deixou escapar um sorriso.

— Você vai entrar pra comunicação também? — Diogo quis saber.

— Aham! — respondi, empolgada.

— Coitada, mal sabe o que a espera — Aurora disse amarga, antes de bebericar de um copo de suco.

— Ai, para! — Diogo ralhou.

— Não, a Blue tem razão. O curso é um porre, mas pelo menos a galera é legal. Inclusive, hoje tem festa na casa de um menino do quinto período, meio que uma pré-calourada. A Blue te falou? — Giovana perguntou para mim, mas direcionou seu olhar para Aurora, que negou enquanto se servia de mais suco.

— É que eu acabei de chegar, nem tivemos tempo de conversar nada — expliquei, mesmo sabendo que ela não estava com cara de quem me chamaria, ainda que eu estivesse naquela casa por semanas.

— Pois então tá convidada! É daqui a pouco, ele marcou às cinco.

Eu não sentia o menor clima de festa naquele momento. Ainda estava cansada da viagem e precisava arrumar uma porção de coisas. Fora o supermercado, ao qual eu precisava ir com urgência se quisesse comer algo pelos próximos dias. Também tinha que terminar de desfazer as malas, cujo conteúdo não devia contar com nenhuma peça que se encaixasse bem em uma festa como aquela.

Para completar, eu não carregava qualquer conhecimento de festas, nem as da minha cidade. Havia passado o terceiro ano todo enfiada em livros, com um propósito inflexível demais para aceitar distrações. E, mesmo se tivesse ido a alguma, elas provavelmente não se pareceriam com as que os universitários de Belo Horizonte deviam fazer.

— Tenho nem roupa pra isso. E não é meme — zombei, e eles acharam graça.

— Não é festa da galera da medicina, não, Raquel. Humanas. Faficheiros. Vai como quiser. — Diogo mexeu os ombros com indiferença.

— Faficheiros? — perguntei.

— Nosso prédio na UFMG chama Fafich, o que faz de nós os faficheiros — Giovana explicou.

— A melhor galera, diga-se de passagem — disse Aurora, sem modéstia.

— Também, né? Comparado ao que tem no resto do campus... — Diogo zombou.

— Tá, acho que animo ir — disse por fim.

Eu tinha uma lista de contras com relação àquele evento, mas um pró me conquistou: era a minha chance de socializar, conhecer pessoas da faculdade, perguntar sobre o curso. Enfim, tentar encontrar formas de me sentir mais em casa.



## Capítulo 2

Eu me sentia completamente em casa depois da terceira rodada de brigadeiro batizado que Luan, o dono da festa, havia trazido para o grupo remanescente. Meu corpo estava relaxado, eu mal conseguia manter os olhos abertos e achava tudo profundamente engraçado.

— Vai mais aí? — André me ofereceu uma colher, enquanto acariciava meu rosto. Caí na risada antes de responder.

— Chega, já tá de bom tamanho.

— Não existe “bom tamanho” quando o assunto é *brisadeiro*!

Ele aproximou a colher da minha boca e eu comi mais um pouquinho.

— Só porque minha mãe me ensinou a não fazer desfeita.

Soltei uma gargalhada pela minha própria piada e André me acompanhou.

Observei que minhas pernas estavam sobre as dele quando sua mão esquerda alcançou minha cintura por baixo da blusa. Ao meu redor, havia latas e garrafas de cerveja espalhadas por todo canto e, no centro, os últimos quatro guerreiros dançavam um funk que já havia tocado cinco vezes naquela noite. Diogo estava entre eles, dançando com animação, Giovana tinha sumido havia horas e Aurora se atracava com uma menina sentada em seu colo.

Por um segundo de lucidez, me perguntei: *como vim parar aqui?*

\*

— Você tá ótima, Quel! — Giovana me garantiu pela terceira vez e me perguntei como ela conseguia usar meu apelido depois de apenas horas de convivência sem soar forçado. Ela era o contrário de Aurora no quesito sociabilidade.

O que tinha de chata, no entanto, Aurora compensava no estilo. Meu queixo caiu quando ela terminou de se arrumar. A maquiagem era ainda mais deslumbrante do que a que usava quando eu havia chegado e sua roupa era do tipo chique sem fazer esforço: um short jeans, uma blusa que caía de um ombro e um tênis bonito. Ponto. Mas ela fazia algo simples parecer ter saído de um desfile de moda.

— Uau — Diogo aprovou.

— Hoje eu vou pegar a Cíntia. Anotem aí — Aurora disse séria enquanto ia em direção ao espelho que ficava inclinado para baixo na parede da sala.

Com os dedos, ela bagunçou seus cachos e ajeitou a franja, dando ao cabelo um volume incrível. Parecia pronta para matar.

— Eu tinha entendido que fofinhos eram mais simples, mais de boa — comentei, me virando para Giovana, e Aurora deixou escapar um sorrisinho com o elogio indireto.

— Ah, a Blue não conta, ela é blogueira. — A garota abanou a mão.

— E vai tentar pegar a Cíntia — Diogo completou com uma piscadinha.



— Verbo errado! Eu *vou* pegar — Aurora gritou, apontando para o reflexo de Diogo no espelho.

— Chega, vamos logo! — Giovana bateu palmas como se quisesse tocar os três para fora da casa.

— Na roça, a gente faz isso com galinha — brinquei, repetindo o gesto, e eles deram risadas escandalosas.

— Uma metáfora perfeita pra descrever esses dois. — Giovana sorriu, cínica. — Se serve pra você também, a gente vai descobrir hoje.

— Não mesmo! — neguei, pensando na pequena lista de pessoas com quem já tinha ficado.

No interior, todo mundo sabe de tudo, então sempre preferi fazer a linha reservada.

— Eu tô comprometido, já falei — Diogo disse em um tom impaciente.

— Amor, não é porque você e o Gustavo ficaram por dois dias que estão namorando. Hoje é sábado! Se ele não vai pra festa do Luan, você acha que ele vai pra onde? — Aurora disse enquanto trancava a porta de casa.

— Deixa de ser amarga, Blue! — Diogo ralhou.

Quando vi a garota destrancar o carro e se aproximar da porta do motorista, um alerta soou em minha cabeça.

— Calma. Desculpa, Aurora, mas é você que vai levar a gente? — perguntei, tensa.

— Vou, por quê? Se não quiser, pode chamar um carro. — Ela ergueu as sobrancelhas, ofendida.

— Você bebe? — questionei quando consegui unir coragem.

Sabia que ela faria um favor nos levando à festa, mas eu tinha visto notícias o suficiente para saber que o trânsito de BH era bem diferente da tranquilidade da minha cidade. Se eu morresse num acidente por causa de bebida, era capaz de a minha mãe me trazer de volta só para me matar de novo.

Aurora suavizou a expressão ultrajada para adquirir um ar divertido ao me responder:

— Olha ela se corrigindo pra fingir que não é capacitista. — Sorriu com ironia. — E bebo, sim. Muito!

— Blue! — Giovana censurou e depois se virou para mim. — Ela tá tomando uns remédios e vai ficar duas semanas sem álcool, então estamos aproveitando muito nossa motorista da rodada nesses últimos dias de férias.

Relaxe com a resposta e me perguntei por que Giovana não podia morar com a gente também. Ela funcionava como um colchão social e suavizava todo o ranço que Aurora direcionava para mim.

Entrei no carro já um pouco arrependida de ter topado ir àquela festa. Será que eu teria capacidade de socializar? Quantas pessoas estariam lá? A que horas voltaríamos? E se eu quisesse voltar antes? Tudo bem que a festa não começava tarde, mas e se os três fossem do tipo que não se cansavam? Eu gostava de dormir cedo!



Meu coração disparou à medida que mais questões surgiram em minha mente, e eu só não pedi para voltar para a casa porque sabia que a última coisa que Aurora faria seria atender a uma súplica minha.

Aproveitei o caminho para buscar “capacitismo” no celular e tentar entender do que Aurora tinha me chamado. Quando vi que era um nome designado ao preconceito contra pessoas com deficiência, me dei conta de que ela havia entendido que eu estava questionando sua capacidade de dirigir por ser cadeirante. Ótimo, agora eu tinha dado outro motivo para ela me detestar um pouco mais. Só sucesso.

\*

Eu ainda estava nervosa quando chegamos à casa do tal Luan, mas tinha conseguido me distrair um pouco com as fofocas que Giovana, Aurora e Diogo compartilharam no caminho. Eu era uma fofoqueira nata e, ainda que não soubesse quem eram as pessoas de quem falavam, adorava o sentimento de obter informações exclusivas.

— A amizade do pop chegou! — um garoto alto, branco, de cabelos castanhos lisos e bagunçados gritou e se aproximou quando alcançamos os fundos da casa, onde acontecia a festa. — Sejam bem-vindos. Podem colocar as bebidas no freezer, tem salgadinho na mesa e... Uai, trocaram um membro do quarteto?

Ele ajeitou o cabelo, enquanto me analisava de cima a baixo. Pelo canto do olho, vi Aurora fuzilá-lo com uma expressão de ódio.

— Essa é a Raquel, tá morando com a Blue agora e é caloura da comunicação — Giovana explicou.

— Ah, que massa, prazer — Luan disse, vindo em minha direção e me cumprimentando com um beijinho na bochecha. — Bem-vinda ao inferno. Você vai odiar cada segundo!

Soltei uma risada, embora estivesse começando a ficar de fato preocupada com os estudantes do curso falando coisas como aquela. Poxa, eu estava cheia de expectativas!

Luan se afastou quando alguém o chamou de dentro da casa e, dois minutos depois, o trio se empolgou com uma música e foi para o centro da pista improvisada. Eu não tinha qualquer habilidade motora para danças e fiquei nervosa quando me vi sozinha diante de tanta gente estranha. De repente não sabia nem onde colocar as mãos.

Recorri ao método infalível: sentar em um canto e procurar distração no celular. Nem dez minutos fora e já estava óbvio o erro que tinha sido sair de casa.

— Tá ocupada?

Ergui o rosto e vi que um cara alto, forte, branco e de cabelos ondulados estava parado perto de mim. Levei alguns segundos para entender o que ele queria, até ver seu dedinho apontado para a cadeira ao meu lado, enquanto tentava equilibrar um copo em cima da lata de cerveja.

— Não, pode pegar — respondi de imediato e voltei à agonia de me comparar às pessoas nas redes sociais.



— Eu só queria me sentar mesmo e, quem sabe, descolar uma companhia — ele disse de um jeito simpático, e fui obrigada a levantar meus olhos outra vez para encará-lo. — Não conheço ninguém aqui.

— Idem.

— Você também não é da comunicação e veio de penetra? — ele perguntou, curioso. — Não é possível, você tem todo o jeito.

Encarei minha própria roupa, tentando buscar o que era o “jeito” da comunicação. Mesmo sem conseguir descobrir, fiquei feliz por ter sido identificada como parte do grupo.

— Não. Quero dizer, sou.

Ele me lançou um olhar desconfiado quando titubeei.

— Sou caloura, vou começar agora. Não conheço ninguém também, tô aqui só porque vim com os amigos da minha colega de casa.

— Ah, que massa. Eu sou da engenharia de produção, tô no quarto período. Vim por causa de um amigo do meu amigo, que, inclusive, já tá bem ali se divertindo. — Ele apontou para um cara que usava uma camisa polo e um sapatênis, como ele, e beijava uma mulher loira baixinha.

Os dois se pareciam de forma assustadora. Eu só saberia distingui-los pelo tom de cinza da blusa: o do cara ao meu lado era mais claro.

— Mais um abandonado, então — comentei enquanto observava Giovana, Aurora e Diogo dançando.

— Nossa, nem perguntei seu nome.

— Raquel — falei ao me virar de volta para ele. — E o seu?

— André.

— Prazer. — Estiquei a mão em um gesto mal calculado. Logo pareceu antiquado demais, mas coloquei na conta da minha falta de habilidade social.

André pegou a minha mão e a puxou para que eu me aproximasse dele. Então me deu um beijo demorado na bochecha e se aproximou da minha orelha, respondendo:

— Prazer.

Ele usou uma voz charmosa, e eu o encarei, desconfiada. Era isso mesmo? Ele estava dando em cima de mim?

Eu não era bonita, *bonita*. Me considerava uma garota ok. Em alguns dias, gostava do que via diante do espelho, em outros, não. Mas, em geral, não era a primeira opção de alguém tão dentro do padrão como André, principalmente em uma festa tão branca quanto aquela.

— Você não bebe? — ele quis saber depois de se afastar, quando o silêncio entre nós beirou o desconforto.

— Não. Quero dizer, bebo.

— Você muda de ideia meio fácil — ele comentou, abrindo um sorrisinho.

— É que eu não bebo em festas assim, só em ambientes controlados.

— Por quê?

— Porque dou vexame.



— Ah, que pena. Fiquei curioso.

Ergui meu ombro direito, sinalizando que não me importava, e ele riu.

— Um pouquinho não vai causar tanto estrago. — André ergueu o copo e movimentou as sobrancelhas em um gesto persuasivo.

Encarei a cerveja e depois observei Giovana e Diogo dançarem. À direita, Aurora gravava vídeos animados para atualizar suas redes. A energia dos três tinha jeito de durar a noite inteira, então, pelo visto, beber seria minha única alternativa para aguentar aquela festa.

— Mais tarde.

Ele balançou a cabeça em concordância.

— E salgadinhos, quer?

— Aceito — concordei, por fim.

Se forrasse meu estômago, a bebida causaria um efeito menos intenso e eu não correria tantos riscos na minha primeira aparição social com a galera da faculdade.

— Já volto. — Ele deu uma piscadinha, e foi quando tive a certeza de que André estava mesmo flertando comigo. Achei graça.

Aproveitei que ele tinha ido pegar comida para me afastar por um minuto.

— Ei, Aurora, você sabe onde é o banheiro? — perguntei, me aproximando quando vi que ela tinha acabado de gravar um story.

— Peraí — ela murmurou, impaciente. — Esse filtro ou esse?

Aurora virou o celular para o cara que tinha acabado de aparecer no vídeo com ela.

— Ai, que horror, esse aqui me deixou rosa! — Ele fingiu pavor.

— Amigo, preciso te dar uma notícia... — Aurora zombou, divertida, e eu percebi que, se a tivesse conhecido daquele jeito, acreditaria demais em seu potencial para ser simpática.

Ela se virou para mim depois de postar e sua expressão risonha se desfez. No lugar, uma careta de pouco caso ganhou forma, e eu inspirei fundo.

— O que foi que você perguntou?

— Banheiro — consegui dizer.

— Ah, é bem aqui — falou o amigo, apontando para a janela acima deles. — A porta fica do outro lado.

Segui sua instrução e fiquei contente por encontrá-lo vazio e ainda limpo. Eu sabia que, depois de umas cervejas, pouco me importaria a condição do banheiro, mas, enquanto minha sobriedade me dominasse, era fundamental que estivesse limpo.

— Quem é essa menina? — A voz do amigo de Aurora entrou pela janela, e eu não pude deixar de ouvir.

— Ah, uma aí que a minha tia arrumou pra morar comigo depois que a Flavinha foi embora pro Tocantins.

— Eita, que ranço é esse?

— Ah, Davi. Por mim, eu morava sozinha, mas acabei tendo que fazer esse favor pra minha tia porque você sabe o quanto ela me ajudou nesse lance das redes sociais, né?



E, olha, bota favor nisso. Ela paga quase que a metade do valor que eu tava calculando antes. Vou pro céu.

— Santa Blue.

Os dois riram enquanto eu sentia a ansiedade tomar conta de mim. Agora tudo fazia sentido: Aurora nunca quis uma colega de casa depois de a outra se mudar, mas havia sido obrigada a me aceitar pela patroa da minha mãe, sua tia, e, para completar, por um valor abaixo do que o quarto valia. Por isso, nenhum outro lugar cobrava algo próximo do que eu pagava e ela me detestou por cada segundo desde que colocara os pés em sua casa.

O pior era não ter sido isso que Ingrid, a tia dela, havia falado. Segundo a mulher, Aurora estava à procura de uma nova parceira e tinha ficado muito feliz por finalmente conseguir alguém.

Agora eu sabia que minhas suspeitas quanto à antipatia de Aurora não eram infundadas; ela sentia como se eu fosse um peso que precisasse carregar para fazer um favor a alguém. E eu não sabia o que fazer. Não era uma questão de orgulho, mas enxergar aquela realidade me deu vontade de voltar para a casa correndo. Ela não me queria ali.

\*

— Não tem nada mais forte que isso? — perguntei a André depois da segunda lata de cerveja.

— Eu achei que você tinha decidido ir com calma — ele respondeu.

— Mudei de ideia.

— Acho que isso é um hábito seu, né? — repetiu a brincadeira de antes, e eu até teria rido, não fosse a angústia que me corroía. — Aconteceu alguma coisa? Você tá meio elétrica.

— Decidi aproveitar, vai saber quando vou ter outra festa assim — menti.

— Ih, relaxa, tem muita calourada ainda pra ir. Mas longe de mim ser contra, vou até pegar o que você pediu. Espera aí.

As coisas já tinham começado a girar ao meu redor e, mesmo assim, não conseguia evitar me sentir diminuída pelas palavras de Aurora. Ainda tinha toda a questão do dinheiro: onde eu iria arrumar o dobro do valor? Eu precisava encontrar outro lugar para ficar.

— Eu não sei que bicho te mordeu lá no banheiro, mas deve ter doído bastante — André falou ao me entregar uma garrafa azul de cerveja. — O namorado mandou mensagem?

Achei graça do jeito que ele encontrou de se certificar de que eu estava mesmo disponível, mas decidi não comentar.

— Não tenho namorado.

— Ex?

— Muito menos.



— Ok, já entendi que não quer falar. Minha sugestão é deixar o que quer que seja pra depois e curtir o momento. É a sua primeira festa da faculdade, não pode ficar marcada de um jeito ruim.

Eu sentia que o argumento era fraco, e meu lado racional lutou muito para me mostrar isso, mas a verdade é que eu já estava entregue mesmo quando a fala de André ainda era só um pensamento. Qualquer que fosse sua tentativa de me persuadir, funcionaria àquela altura do campeonato.

— A gente devia ir dançar também — ele completou.

— Pra isso eu vou precisar de mais umas três dessa aqui. — Ergui a garrafa.

— Isso não é problema! — Ele riu daquele jeito simpático e se aproximou de mim.

— Sabia que eu nunca fiquei com uma mina da comunicação?

Um dos estágios da ingestão de álcool é marcado pelo prejuízo do julgamento e da crítica, justamente onde mora meu problema com as bebidas. Eu chego a essa fase rápido demais. Aquela cantada, por exemplo, era péssima, horrenda, mas o que eu fiz? Aceitei a minha sina.

Beije os lábios finos de André com um duplo interesse, confesso: o de me divertir, mas também o de mantê-los ocupados antes que mais cantadas saíssem dali e nem meu nível etílico desse conta do recado.

André acabou se tornando uma distração eficaz, e eu sabia disso mesmo que só tivessem restado flashes da festa no dia seguinte. Não lembrava o momento exato em que havíamos passado para o *brisadeiro*, mas sabia que fora ele o responsável por me levar à pista de dança. Por esse lado, até agradecia à amnésia alcoólica. Jamais me perdoaria se me lembrasse do que havia feito na primeira festa em Belo Horizonte.